

“História de Rosa Brava”: uma resenha

Sônia Regina Silva

O conto “História de Rosa Brava”, de José Régio (1901-1969), possui dez partes, das quais as cinco primeiras descrevem os filhos – Isabel, Rosa, Chico, exceto Quim-Quinzito que morre com um ano e meio, e Marília, espécie de antagonista de Rosa, a filha mais nova do casal Margarida e Rodrigo. As cinco últimas descrevem o perfil de conduta da protagonista desta história, a “Rosa brava”, possibilitando fazer uma leitura do papel feminino na sociedade desta época.

A personagem Rosa concentra o conflito da narrativa, a partir do momento que ninguém a compreende, é “a filha segunda considerada uma espécie de monstro na família; um ser anormal, uma criatura incompreensível e agreste, um bicho maligno ou espírito ruim.” (p. 53). Desse modo, Rosa brava representa a denúncia do lugar ocupado pela mulher em uma sociedade patriarcal e machista, que impõe normas de conduta a serem obedecidas no interior de uma organização familiar sem a menor possibilidade de mudanças.

O seio familiar de Rosa é estruturado pelos seus pais, Margarida e Rodrigo, os típicos progenitores que tomam a iniciativa de aprovar um marido em potencial a suas filhas, mediante dotes (no conto, isso significa a esposa ser uma “mulher activa”, “dócil”, “ajuizada” e “afectuosa como poucas” (p. 52, IV)) e o homem um dos “melhores partidos das redondezas; se não o melhor: um perfeito rapaz, e rico, inteligente, delicado, admirado...” (p. 65)) como condição para o aceite de um matrimônio em que a mulher vive à sombra da figura masculina. Temos, como modelo social “os próprios pais de Marília” (*filha mais nova*), embalados “no sonho de ventura em que se embalava a filha; e até Rodrigo (*o pai de Marília*), nos últimos tempos, dava muito melhor vida à mulher (*Margarida*)” (p. 62), como o típico provedor da esposa submissa, capaz de conduzir o sustento da família como o homem, unicamente, a tomar todas as decisões e, ainda, ser infiel a ela.

A Rosa brava está, portanto, cercada de pessoas cujas personalidades contrastam com a sua forma de pensar e agir, como os pais, que a veem como a “ovelha negra”: “[...] <<Não sei que rapariga



é esta!>> mortificava-se a mãe. <<Por que há de esta rapariga ser diferente de todas?>> O pai sentia e pensava o mesmo; se não pior.” (p. 54). Até a letrada tia Glória (*irmã de Margarida*) se reporta à Rosa como o diabo em pessoa, tal como expresso pelo narrador: “Tia Glória também a qualificara de <<Um Roberto do Diabo de saias.>> (p. 59).

A relação que Rosa mantém com os irmãos também não é boa. O que a distingue de Isabel, por exemplo, é o fato de sua irmã possuir virtudes domésticas, uma simplicidade rústica e bondosa, ser prudente e equilibrada, além de “atrair” um ótimo partido para o casamento. O que nos permite ter a noção de que as mulheres neste conto nascem para servir aos homens, sejam maridos, filhos ou pais, por meio de matrimônios arranjados em uma típica sociedade patriarcal. Do mesmo modo, diferenciase da irmã mais nova, Marília, linda e delicada, “Flor mimosa, fresca rosa” (p. 44), e de “modos mui afáveis, gestos mesurados e macios, movimentos de cisne, um sorriso e um meio baixar de pálpebras tão doces, tão discretos, que eram a sedução de toda a gente. Beleza [...] frágil, no sentir de seu primo Rogério.” (p. 45). Em contraste, há uma Rosa brava (nome composto constituído pelo discurso da família) que “com três ou quatro anos, já tinha birras e teimosias indomáveis; no que poderia parecer-se com Chico (*seu irmão*), é certo. Mas o Chico era rapaz, que diabo!” (p. 53, V), como também “refugiava-se num retraimento cheio de revolta surda, com olhares de lado, ou por baixo, que pareciam espiar, perseguir, denunciar toda a gente, [...] como a pedir contas a todos, não se sabia de quê. Oh, era de desesperar.” (p. 53, V). Logo, tem-se a Rosa possuidora de uma força desmedida que não se submete a ninguém e a nada, detentora de comportamentos singulares em relação aos demais personagens. Ela, durante toda a narrativa, é desvirtuosa e associada ao grotesco e ao feio pela família. É uma criatura sem experiências afetivas, em decorrência do desprezo que sofre por parte de seus parentes.

Em vista de tudo isso, o conto de Régio apresenta, nitidamente, uma Rosa brava divergente da moral e dos bons costumes (o casamento como um “conto de fadas”, no qual a figura feminina dócil e submissa precisa do masculino para ser salva) arraigados numa sociedade na qual os personagens (Margarida e Rodrigo, Isabel, Marília, Chico, Rogério) não mudam de comportamento no interior dessa organização social, assim como Rosa não sucumbe à proposta do primo Rogério, a partir da sua declaração de amor: “Rosa brava, estou doido por ti!” (p. 64). Portanto, o desfecho frustra o final romântico, abre-se para diferentes interpretações, mas permite observarmos que Rosa funda um outro



lugar para mulher tanto na sua família quanto na sociedade. Seria mesmo o casamento uma opção de saída do lugar social que ocupa (a Rosa bicho, representativa do caos, da desordem, da braveza etc.)?

Referência Bibliográfica

RÉGIO, José. “Historia de Rosa Brava”. In: *Contos*. Lisboa: Publicações Europa-America, 1967.

